

Ensino de jornalismo no século XXI: mudanças curriculares e novos cenários de aprendizagem hipertextual

Teaching journalism in the 21st century: curricular changes and new hypertextual learning scenarios

Enseñanza de periodismo en el siglo XXI: cambios curriculares y nuevos escenarios de aprendizaje hipertextual

Recebido em: 28/08/2018
Aceito em: 03/10/2018

RESUMO

O presente estudo, parte da investigação de dissertação em curso, investiga as contribuições do hipertexto na formação do jornalista do século XXI. Na fase de construção do enquadramento teórico e documental, estudam-se os impactos das tecnologias no processo que vai da apuração até o consumo da notícia. O artigo reflete sobre as mudanças ocorridas na formação acadêmica do jornalista frente às novas tendências do mundo do trabalho, cada vez mais em busca de profissionais multimídias. Para tal fim, surge a possibilidade de inserir o hipertexto como metodologia pedagógica para que os alunos possam lidar com a variedade/quantidade de informações que circulam na *internet*. Percebe-se, assim, a necessidade do desenvolvimento de competências jornalísticas para filtrar, analisar e interpretar as informações disponibilizadas na *web*, podendo ser potencializadas a partir do emprego do hipertexto.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo. Formação do Jornalista. Aprendizagem hipertextual. Jornalista Multimídia. Competências Jornalísticas.

ABSTRACT

This current study, part of a dissertation in the works, researches hypertext contributions in journalist training in the 21st century. In theoretical and documentation framework construction, technologies in the process that will even verify news consumption are studied. The article reflects about journalists' academic training in the face of new workplace trends, increasingly in search of multimedia professionals. For this purpose, that is why the possibility emerges to insert hypertext as a pedagogical methodology so students can deal with the variety/quantity of information that circulates throughout the internet. Thus, the need to develop journalistic competencies to filter, analyze and interpret information available on the web, being enhanceable based hypertext use.

KEYWORDS

Journalism Teaching. Journalism Training. Hypertextual Learning. Multimedia Journalist. Journalistic Competencies.

RESUMEN

El presente estudio, parte de la investigación de la disertación en curso, investiga las contribuciones del hipertexto en la formación del periodista en el siglo XXI. En la fase de construcción del encuadramiento teórico y documental, se estudian los impactos de las tecnologías en el proceso que va de la apuración hasta el consumo de la noticia. El artículo reflexiona acerca de los cambios ocurridos en la formación académica del periodista delante de las nuevas tendencias del mundo laboral, cada vez más en busca de profesionales multimedia. Para tal fin, surge la posibilidad de insertar el hipertexto como metodología pedagógica para que los alumnos puedan lidiar con la variedad/ cantidad de informaciones que circulan por la internet. Se percibe, de esta manera, la necesidad del desarrollo de competencias periodísticas para filtrar, analizar e interpretar las informaciones disponibilizadas en la web, pudiendo ser potencializadas a partir del empleo del hipertexto.

PALABRAS CLAVE

Eseñanza de Periodismo. Formación de Periodista. Aprendizaje hipertextual. Periodista Multimedia. Competencias Periodísticas.

Jean Carlos da Silva Monteiro

Mestrando em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

falecomjeanmonteiro@gmail.com

Sanny Fernanda Nunes Rodrigues

Doutora em Multimídia em Educação e professora do mestrado em Cultura e Sociedade da UFMA.

sannyaferranda@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Com a Sociedade da Informação e o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), novos dispositivos de acesso à informação foram surgindo e tomando conta da sociedade em um ritmo acelerado. A partir dos anos 2000, computadores, celulares, *tablets*, *notebooks* e os *iPhones* se popularizaram e os indivíduos, para se adaptarem a esses novos canais de comunicação, passaram a utilizar esses recursos. Por meio desses canais, eles são inseridos nesse universo informacional, experimentando e compartilhando das informações em rede e em tempo real.

A *internet* e esses dispositivos promoveram mudanças no jeito de produzir, distribuir e consumir as informações, neste contexto, disposto em um sistema que pode ser acessado por todos, em que indivíduos receptores e emissores podem ser capazes de enviar e receber informações. A cada dia, essas transformações impactaram também nos processos de apuração, produção, transmissão, circulação e consumo da notícia jornalística. Essas mudanças aconteceram não somente no âmbito profissional, mas também na formação acadêmica do jornalista.

O mercado de trabalho passou a exigir um perfil profissional multifacetado, capaz de realizar diferentes atividades jornalísticas nas redações, bem como utilizar as ferramentas digitais, e por essa necessidade, o curso de jornalismo passou por diferentes mudanças curriculares para aperfeiçoar o conteúdo que é ministrado em sala de aula às novas tendências da Sociedade da Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem, na perspectiva de discutir a atual revolução tecnológica e colocar em prática novas atividades do setor que nasceram a partir das implicações das TIC no fazer jornalismo no século XXI.

Diante disso, viu-se a possibilidade de trabalhar com a aprendizagem hipertextual como metodologia pedagógica para que o aluno saiba lidar com a variedade e quantidade de informação e recursos tecnológicos produzidos nos espaços de atuação.

Neste artigo, de revisão bibliográfica e documental, sistematiza autores que discorrem sobre as contribuições do hipertexto na formação do jornalista do século XXI. De início, abordam-se os impactos das tecnologias de Informação e Comunicação no jornalismo, retratando os contextos em que o surgimento da prensa, do telégrafo, rádio, televisão, computador e *internet* transformaram os processos de apuração, produção, transmissão, circulação e consumo da notícia jornalística.

Em seguida, apresenta-se uma reflexão sobre as mudanças ocorridas na formação acadêmica do jornalista para acompanhar às novas tendências do mercado de trabalho, cada vez mais em busca de profissionais multimídias. Por fim, aponta-se, de forma bibliográfica-analítica, a aprendizagem hipertextual como proposta pedagógica para que os alunos possam lidar com a variedade/quantidade de informações que circulam na internet.

2 O COMPUTADOR E A INTERNET TRANSFORMAM O OFÍCIO DO JORNALISTA

A comunicação (processo que envolve a troca de informações) nunca esteve estagnada durante a história da humanidade. O jornalismo¹, por exemplo, esteve sempre acompanhando as transformações advindas pelo surgimento de novas tecnologias² e pelas novas formas como a sociedade se organizava e se comunicava (NOBLAT, 2012). Nos dias atuais, presencia-se a constante efemeridade nas mudanças que ocorrem na apuração e na construção das notícias, sejam elas produzidas dentro das redações ou *in loco*, onde os fatores acontecem (FERRARI, 2014).

Entre as causas que envolvem essa frequente metamorfose está a matéria-prima do jornalismo: a informação, que também se encontra em processo constante de mutação. Contudo, o principal fator que promoveu e até hoje desencadeia modificações no fazer jornalismo – transformar a informação em notícia – é a inserção das Tecnologias de Comunicação e Informação (MELO, 2012). A começar do século XV, diferentes tecnologias implantadas nos processos jornalísticos deram velocidade e dinamicidade à divulgação das informações.

Segundo Queiroga (2003, p. 4), “[...] um conhecimento histórico do jornalismo ensina que, do tambor aos satélites, a atividade foi profundamente transformada pelas inovações tecnológicas [...]” e, assim, desde as sociedades passadas, as tecnologias contribuíram significativamente para revolucionar a técnica de produção da notícia e a prática da profissão do jornalista.

Com a prensa de Gutemberg, em 1447, surge a impressão em papel e, posteriormente, o jornalismo impresso. Esse, por sua vez, tornou-se o principal impacto gerado por uma tecnologia no jornalismo, pois representou o avanço que o jornalismo necessitava para nascer. Depois de quatro séculos, o telégrafo (1844) – tecnologia capaz de enviar ondas sonoras – conseguiu transmitir som a distância por meio de impulsos elétricos. Nesse contexto, o jornalismo também se apropriou dessa tecnologia e as primeiras radiotransmissões iam se tornando reais na vida das pessoas (LAGE, 2001; QUEIROGA, 2003).

Com investimento em antenas de transmissão e equipamentos receptores de onda sonora mais aprimorados, aparece o rádio, trazendo dinamismo para o jornalismo. Se outrora os telégrafos levavam dias e dias para que a notícia chegasse ao público, agora com o rádio as informações chegavam de forma imediata. Em um curto período de tempo, a televisão revelou-se como a tecnologia que deixou o jornalismo mais completo e presente na sociedade. As informações estavam cada vez mais próximas, transmitidas com agilidade e com total dinamismo em seu conteúdo (MARCONDES FILHO, 2002).

Anos depois, novamente a sociedade se transforma e mais uma vez a tecnologia é o centro dessas mudanças. Com a chegada da *internet*, as formas de comunicar e transmitir as informações ficaram mais descentralizadas e distribuídas

¹ O jornalismo é uma forma de comunicação em sociedade, que, além de manter um sistema de vigilância e de controle dos poderes através da divulgação de informações, pode significar noticiar, informar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas socialmente relevantes relacionados, ou não, com os agentes do poder (SOUSA, 2001).

² As novas tecnologias, neste caso, tratam-se de qualquer suporte ou equipamento de desempenho um papel de alterar ou reorganizar, de uma forma ou de outra, as técnicas da prática jornalística (LÉVY, 2010).

(BARBOSA, 2009). Nas redações, o computador tomou o lugar das máquinas de datilografia. Vive-se, então, a partir desse momento uma grande revolução pós-moderna no jornalismo.

Para Baldessar (2001), os impactos do computador e da *internet* no fazer jornalismo se deu de forma gradativa. Os jornalistas passaram por um processo de adaptação à nova realidade social, que se infiltrava nas redações. Nesse cenário, o computador apresentava processadores de textos modernos (os erros de digitação eram corrigidos facilmente pelo próprio programa) e a *internet* surge com programas que oferecem um leque de recursos para edição de textos, imagens e áudios, tudo em um só equipamento.

Baldessar (2001), Marcondes Filho (2002) e Silva (2013) relatam em seus estudos que os jornalistas receberam essas ferramentas com medo, mas que depois se encantaram. Porém, com a inserção dessas tecnologias, eles se depararam com uma nova e moderna realidade profissional, que exigia maior qualificação e letramento digital. Assim sendo, a informatização das redações promoveu o nascimento de um novo perfil de jornalista, com características de um profissional multifuncional, “[...] polivalente, capaz de apurar, redigir, revisar e diagramar, com conhecimentos de outros idiomas e de informática, condições indispensáveis para o mercado [...]” (BALDESSAR, 2001, p. 6).

Na produção das notícias, as informações eram apuradas em tempo hábil, o contato com as fontes podia ser feito em menos tempo e com isso o *deadline*³ tornou-se cada vez mais curto, uma vez que as informações circulavam de forma acelerada, e a todo momento, uma notícia suplantava a outra. É neste contexto que surge, ainda que de forma incipiente, a preocupação dos jornalistas em produzir conteúdo para além do textual, com vistas em informações transmitidas em formato audiovisual (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008; LENZI, 2011).

Diante de tantas contribuições que o computador e a *internet* trouxeram à atividade jornalística, é possível afirmar que essas ferramentas se tornaram indispensáveis no processo de produção de notícias, logo desponta nessa conjuntura o webjornalismo⁴, produção de conteúdo informacional exclusivamente para *web*. Ou seja, diz respeito à utilização de uma parte específica da *internet*, que é a *web*⁵ (MIELNICZUK, 2003). Logo, frente ao enorme volume e velocidade de informações, características da Sociedade da Informação, os jornalistas são o principal instrumento de filtragem para garantir a qualidade da notícia (LÉVY; LEMOS, 2010).

Mielniczuk (2003) destaca alguns impactos do computador e da *internet* no jornalismo, como o nascimento das edições online; a incorporação do multimídia na notícia; a escrita jornalística; o aparecimento de novos públicos; maior participação dos leitores; pesquisa de assuntos; a forma de obtenção de informações; o contato com as fontes; as rotinas de produção; e o trabalho com novas ferramentas.

³ Deadline é o prazo final para o fechamento de uma edição ou conclusão de uma notícia (PATER-NOSTRO, 2010).

⁴ Também denominado de jornalismo *online*, jornalismo na *internet*, jornalismo eletrônico, jornalismo na *web*, ciberjornalismo, jornalismo digital (FERRARI, 2014).

⁵ A *internet* é uma rede que conecta milhões de computadores pelo mundo, enquanto a *web* é uma das várias ferramentas de acesso a essa rede (MIELNICZUK, 2003).

Percebe-se, então, que os jornalistas passaram por diversas etapas de adaptação do uso do computador e da *internet*, que vai desde o momento em que as notícias eram apenas reproduções de partes dos jornais impressos até o período em que os jornalistas passam a ter maior domínio sobre as tecnologias e começam a utilizar diferentes recursos que a própria *web* oferece. Nesse ponto da revisão de literatura, compreende-se que, à medida que os jornalistas foram se qualificando para uso dessas ferramentas, a produção de conteúdo começou a trilhar pelas possibilidades digitais da hipertextualidade, interatividade, multimídia, personalização, banco de dados, memória e jornalismo colaborativo.

Essas novas possibilidades digitais acarretaram em mudanças significativas no processo de produção das notícias e esse novo jeito de pensar e produzir informações para a *web* se tornou um desafio diário para os jornalistas. Com o avanço da globalização, da *web 2.0*⁶ e uso qualificado das TIC, novas práticas de leitura e escrita multilinear e hipertextual em ciberespaço⁷ se infiltraram nas redações para atender à demanda de um novo público, totalmente digital e interativo.

3 NOVOS CAMINHOS PARA O ENSINO DE JORNALISMO

Os processos midiáticos advindos da Sociedade da Informação demandam dos professores que lecionam no curso de jornalismo novas propostas metodológicas para trabalhar a aprendizagem mediada pelas tecnologias em sala de aula e a reforma da grade curricular, bem com a qualificação de professores com essas ferramentas. A exploração e a utilização das TIC pelos alunos de jornalismo desde o ambiente de aprendizagem se tornam uma estratégia para se alcançar as habilidades necessárias para o exercício pleno da profissão em tempo de hipertextualidade e convergência (MACHADO; TEIXEIRA, 2010).

Frente a esse panorama, Coscarelli (2016) enfatiza que, apesar do uso excessivo de tecnologias, há pouca (ou nenhuma) capacidade de reflexão e prática para lidar com todas as ferramentas oferecidas pela *web*, e que isso tem sido um obstáculo enfrentado pelos professores da área. Chaves (2016) entende que é necessário oferecer à essa nova geração o maior número possível de recursos e estímulos, compreendidos em novas metodologias na sala de aula. Diante dessa afirmação, compreende-se, então, que as Instituições de Ensino têm o papel importante de desenvolver práticas pedagógicas que façam uso destes recursos de maneira criativa e eficaz nos processos de aprendizagem (VALENTE, 2014).

Nesse cenário realizou-se o primeiro encontro da Rede Iberoamericana de Comunicación Digital (Rede ICOD), seminários temáticos que discutiam um conjunto de propostas didático-pedagógicas relacionadas ao ensino de jornalismo digital. Os seminários foram divididos em 3 eixos temáticos: o conceitual - para tratar sobre os conhecimentos teórico-discursivos que o jornalista precisa adquirir; o

⁶ Termo utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web (WWW), que tendência o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais.

⁷ Ambiente no mundo de comunicação. Espaço virtual de comunicação disposto por meio tecnológico.

processual – para discutir as habilidades e competências multimídias; e o atitudinal, para debater as motivações e emoções que ambiente acadêmico e mercado de trabalho propiciam ao jornalista para lidar com as TIC (REDE ICOD, 2006).

Para Canavilhas (2009), o Rede ICOD despertou o interesse das Instituições de Ensino a refletir sobre a importância de entender e agregar as teorias/práticas do jornalismo ao novo modelo digital, a começar pela formação do profissional, associando as teorias às demandas do mercado de trabalho, propiciando a incorporação das TIC nos processos de aprendizagem.

No Brasil, a graduação em Jornalismo⁸ foi instituída em 13 de maio de 1943⁹. Completando 74 anos no sistema da educação superior, o curso já passou por diversas mudanças curriculares para aperfeiçoar o conteúdo que é ministrado em sala de aula para o jornalista do futuro (MENDONÇA, 2013). As discussões sobre as metodologias do ensino de Jornalismo são anualmente pautadas pelo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ).

No ano de 2009, o Fórum elaborou o projeto das novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de Jornalismo, homologado em 2013, pelo então ministro da Educação, Aloizio Mercadante. Desde então, os planos de ensino de jornalismo passaram por algumas modificações para incorporar aspectos vinculados às TIC, compreendidos tanto no aspecto teórico-analítico como no que tange o aspecto prático-profissional (MACHADO; PALACIOS, 2015).

Cabe enfatizar que essas mudanças no ensino de Jornalismo, que vão desde adaptações teóricas, práticas e metodológicas, aconteceram em decorrência de fatores internos e externos às Instituições de Ensino, bem como,

Entre os fatores exógenos identificados podem-se destacar: pressão do mercado; atenção às demandas da sociedade; penetração das TIC na sociedade e políticas públicas. No caso dos endógenos os mais comuns são: as dimensões da instituição; a flexibilidade do sistema educativo para mudanças; o interesse dos professores em temas digitais; existência de professores com conhecimento no tema; políticas internas da instituição; processos de convergência universitária; diferenciação em relação a outras instituições. (MACHADO; PALACIOS, 2015, p.15).

De acordo com o impacto que cada fator ocasiona no lecionar jornalismo em tempos de convergência, a Instituição de Ensino tem a opção de adotar um modelo gradativo para incorporação das TIC e dos conteúdos multimídias nos planos de ensino dos cursos de jornalismo.

De acordo com Primo (2010), inicialmente o curso de Jornalismo vem inserindo¹⁰ diversas temáticas transversais (que tange tanto a teoria quanto a prática) em seu currículo para discutir a atual revolução tecnológica e suas implicações no

⁸ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf>.

⁹ Apesar da bibliografia apresentar documentos que relatam a criação da graduação em Jornalismo no Brasil em 1943, devido a entraves burocráticos e legislativos, somente em 1947 que, de fato, o curso começa a funcionar depois de regulamentado pelo Ministério da Educação (MENDONÇA, 2013).

¹⁰ Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura, Disponível em: <<http://www.dca.ufrn.br/~adelardo/PAP/ReferenciaisGraduacao.pdf>>.

fazer jornalismo no século XXI, entre elas 'Jornalismo Digital', 'História da Cultura e da Sociedade no mundo contemporâneo', 'Transformações globais e relações internacionais', 'Cultura das Mídias', 'Cultura Empreendedora', 'Linguagem e roteirização para audiovisual', 'Redação e produção para web', 'Mídias Digitais', 'Práticas de Jornalismo Multimídia'¹¹, entre outras. Portanto, as TIC surgem em sala de aula para relativizar teorias e facilitar entendimento sobre o fazer jornalismo em todos os processos de captação, transmissão e distribuição das informações na modernidade (RODRIGUES, 2015).

As TIC colocam ao Jornalismo problemas novos e inesperados. Talvez os mais complexos e desafiadores residam nos novos papéis que o mundo globalizado e informacional atribui ao Jornalismo, e, de modo particular, às redações convencionais (MENDONÇA, 2013). O domínio das TIC se faz necessário tanto na prática educativa e formadora desses profissionais, nos espaços de aprendizagem, como na prática social e na complexidade procedimental para lidar com a variedade e quantidade de informação e recursos tecnológicos produzidos, nos espaços de atuação profissional (COSCARRELLI, 2016; ROJO, 2016).

Do Rede ICOD foi extraído um relatório com diretrizes a serem analisadas e inseridas no contexto formativo do jornalista. A primeira delas é que as Instituições de Ensino têm um desafio: de sair da perspectiva tradicional do jornalismo, que divide sua grade curricular por especialidades da profissão (impresso, rádio, televisão), e incorporar a discussão da importância das TIC no contexto do jornalista multimídia em disciplinas afins durante todo curso de graduação. Paralelamente, os alunos devem ser estimulados a investigar novas linguagens (narrativas), experimentando os recursos da *web* e exercitando a inteligência coletiva (REDE ICOD, 2006; CANAVILHAS, 2009).

Nesse contexto, a United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas) (UNESCO, 2010) criou um relatório que apresenta algumas diretrizes para um novo modelo curricular para o ensino do jornalismo no século XXI. O relatório destaca que a os estudantes só vão entender os impactos da *internet* no jornalismo, bem como sua utilização como ferramenta jornalística e meio de comunicação, tendo o máximo de experiência com ela durante a aprendizagem, em sala de aula.

A UNESCO (2010) enfatiza que novas metodologias/recursos pedagógicos implementados na aprendizagem do jornalista devem mostrar novos cenários ao futuro profissional para que ele possa se manter no mercado de trabalho. O relatório, assim como autores já citados, reforça a necessidade de um ensino de jornalismo pautado, impreterivelmente, nos aspectos teórico-analítico e prático-profissional.

Em relação aos aspectos analíticos, os professores devem buscar estratégias para fomentar a competência da criticidade nos alunos. Para tanto, deve-se procurar questões que envolvam problemas éticos suscitados pelas TIC e, com base nas teorias do jornalismo, resolvê-los com recursos produzidos pelas próprias tecnologias. No que diz respeito aos aspectos profissionais, novas abordagens que inserem computadores, notebooks, *tablets* e *smartphones* em sala de aula podem

¹¹ Disciplinas da Grade Curricular do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de São Luís (2018).

fazer com que os alunos experimentam como a notícia (narrativa) pode ser transformada pela tecnologia e como jornalistas podem trabalhar melhor usando esses recursos, buscando maior interatividade.

Com vistas na formação educativa e profissional de futuros jornalistas cada vez mais multimídias, com competências e habilidades de letramento digital, a UNESCO sugere que,

Os estudantes tenham aulas de redação para veículos on-line e multimídia, incluindo a organização de links e a utilização de bancos de dados, como publicar notícias e atualizá-las de acordo com o desenrolar dos fatos. Os estudantes aprenderão a criar páginas para sítios da internet, adicioná-las a um servidor e usar câmeras digitais. Desenvolverão experimentos com áudio e vídeo para criar narrações interativas. Durante o curso, os alunos entrarão em contato com o impacto das tecnologias móveis. Dessa forma aprenderão a se adaptar às tecnologias emergentes. (UNESCO, 2010, p. 23).

Portanto, propiciar a interação e a construção colaborativa de conhecimento das TIC dá aos alunos de jornalismo o potencial de incitar o desenvolvimento de habilidades para escrever, ler e interpretar textos (conteúdo multimídia) no atual cenário da Era da Convergência¹² que a sociedade tem presenciado. Primo (2010) acentua também que o uso das TIC oportuniza que “A prática jornalística seja exercitada de forma hipertextual e interativa, respondendo às demandas de uma sociedade cada vez mais globalizada e tecnológica [...]” (PRIMO, 2010, p. 10).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo (BRASIL, 2013¹³), remetidas pela Secretaria de Educação Superior, do Ministério da Educação (MEC), também apontam a importância do uso de tecnologias no ensino de jornalismo. No Art. 5º - Competências, habilidades e conhecimentos que o jornalista precisa adquirir durante a sua formação, as Diretrizes focalizam na necessidade do aprendente em “saber utilizar as tecnologias de informação e comunicação” (BRASIL, 2013, p.10)¹⁴.

Em seguida, no Art. 6º - A elaboração do Projeto Pedagógico do curso de bacharelado em Jornalismo, as Diretrizes frisam que o processo de aprendizagem do jornalista deve priorizar a formação de um profissional preparado “[...] para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente [...]” (BRASIL, 2013, p. 10).

Diante dessas diretrizes e do momento em que se estudam propostas pedagógicas para o ensino de jornalismo, surge a possibilidade de trabalhar com as

¹² Trata-se do “[...] fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídias, à cooperação dos públicos pelos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejam. Envolvendo transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais [...]” (JENKINS, 2009, p. 30).

¹³ Resolução CNE/CES nº 1, de 27 de setembro de 2013.

¹⁴ Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, 2013.

Narrativas Hipertextuais¹⁵ (LÉVY, 2012). Investigações afirmam que elas podem ser utilizadas como uma estratégia de aprendizagem no processo de letramento digital de alunos de jornalismo, pois acredita-se que esse tipo de produção de narrativa possibilita que o uso das TIC e da *internet* se faça em uma lógica de produção e não de mero consumo da informação disponível na rede global (COUTINHO, 2010).

Na próxima seção, explicita-se o conceito de aprendizagem hipertextual e suas características. Em seguida, mostra-se, numa perspectiva bibliográfica-analítica, suas contribuições para o compartilhamento de novos saberes e como ela pode se transformar numa metodologia pedagógica para o ensino de jornalismo. Pensa-se neste processo como um conjunto de habilidades indispensáveis para que o indivíduo possa ser “[...] inserido na realidade, para compreendê-la e, também, para alterá-la, como ferramentas do entendimento [...]” (SCHOLZE; RÖSING, 2007, p. 14). Ou seja, para que tenha competências para ser colaborador na sua própria aprendizagem.

4 APRENDIZAGEM HIPERTEXTUAL

As narrativas foram utilizadas, desde os seus primórdios, como ferramenta para transmissão de conhecimento e valores, bem como pinturas, imagens, escrituras, livros, etc. Hoje em dia, com as TIC, as narrativas se intensificaram, ganharam maiores proporções e oferecem um leque de potencialidades de multiletramento aos que se propõem utilizar essas ferramentas (LUNCE, 2011).

Para entender esse novo contexto, em que o ato de contar uma história vai para além do uso da escrita e de imagens, é preciso entender o conceito de Narrativas Hipertextual, seus elementos e como ocorre a composição multimodal dessas narrativas, utilizando hipertexto e linkagem.

A convergência entre linguagem escrita, oral, sonora e outras, unificada em uma única plataforma, facilita as formas de letramento mediado pelas tecnologias, disseminando suas múltiplas formas e configurando novas linguagens. Por meio de tais plataformas, onde a leitura torna-se fragmentada e partilhada por indivíduos conectados entre si, configuram-se as Narrativas Hipertextuais, no qual imagens, vídeos, sons, animações, infográficos, músicas, etc., tenham também a capacidade de gerar, transmitir conhecimento e acrescentar novos significados (JESUS, 2010).

Pela vertente pedagógica, a aprendizagem hipertextual pode atuar como uma metodologia poderosa e com grande potencial quando utilizada como metodologia no processo de aprendizagem, uma vez que sua produção envolve diferentes mídias dispõe da comunicação, colaboração, criatividade, inteligência coletiva, memória e pensamento crítico, competências necessárias para a formação do jornalista deste século (COSTA; BOTTENTUIT JUNIOR, 2016).

A implementação da aprendizagem hipertextual em sala de aula pode oportunizar a construção do conhecimento de forma mais significativa, uma vez que

¹⁵ Também conhecidas como narrativas digitais, narrativas interativas, narrativas mediáticas, narrativas multimídia, digital storytelling ou narrativas em ambiente digital (SOARES, 2009; CIRINO, 2010; JESUS, 2010; PERRECINI, 2010).

permite a análise crítica, o armazenamento e transmissão da informação; a hipertextualidade e multimídia, favorecendo com que as informações possam ser exibidas em diferentes formatos e de uma forma não linear; a interatividade, que permite a manipulação da informação de forma participativa; e a conectividade, permitindo que os alunos fiquem a frente de novas possibilidades para o trabalho colaborativo (CORRADI *et al*, 2001; DIAS, 2016).

Na Sociedade da Informação (HARGREAVES, 2003; POZO, 2004; CASTELLS, 2016), contexto em que vivemos, os professores já começaram a utilizar a hipertextualidade como metodologia de aprendizagem, a fim de diversificar e inovar a prática pedagógica do letramento, possibilitando ao aluno a experiência de utilizar novas práticas pedagógicas que facilitam a reflexão, criação e intercâmbio de conhecimento (LÉVY, 2012; MONTEIRO, 2014).

Essa mudança vem acontecendo porque os professores encontram-se todos os dias com alunos que utilizam a *internet* como espaço de comunicação, publicação, diversão e colaboração. Todavia, é importante refletir sobre a forma como esse meio multimidiático e diversificado tem sido aproveitado, em toda sua potencialidade, por professores e alunos.

De que forma a aprendizagem hipertextual pode atuar como metodologia pedagógica? E quais as suas contribuições no ensino de jornalismo? O hipertexto possui características particulares que podem atuar de forma significativa no processo de aprendizagem e manter uma relação com principais características do jornalista futuro, que são:

- a) Competência da conexão e navegabilidade: A narrativa hipertextual atua como ferramenta de pesquisa, que conecta um leque de materiais de referência através de imagens, podcasts, músicas, infográficos, vídeos e *links*. Para isso, é necessário que alunos e professores estejam conectados e tenham conhecimento das técnicas de criação, edição e veiculação na *internet* (SILVA; MACIEL; ALCOFORADO, 2002; MONTEIRO, 2014).
- b) Competência da investigação e curiosidade: Na academia, a aprendizagem hipertextual é vista como uma metodologia que oferece a entrada de novos recursos pedagógicos. Em relação ao jornalismo, ela aguça o lado curioso de alunos que todos os dias navegam pelas redes, interagindo informações e diferentes tecnologias (DIAS, 2000; SAMPAIO; LEITE, 2001).
- c) Competência da autonomia e colaboração: A aprendizagem hipertextual tem por natureza seu caráter colaborativo. Pedagogicamente, professores e alunos precisam participar ativamente. Assim sendo, os dois colaboram e tornam-se parceiros na aquisição e intercâmbio de conhecimento (PRIMO, 2003; CIRINO, 2010).
- d) Competência da comunicação e pensamento crítico: Ao ter contato com a aprendizagem hipertextual em sala de aula, o aluno vai interagir com uma rede de conhecimentos. Para que isso aconteça, é importante que os hipertextos sejam inseridos de forma didática, compreensiva e se comunicar com clareza para que se possa criar sua própria trajetória pelos conteúdos sem ruídos cognitivos (GOMES, 2011; MONTEIRO, 2014).

- e) Competência da multimídia e do letramento digital: Utilizar o hipertexto em sala de aula significa procurar, analisar, selecionar, ler, interpretar e produzir conteúdo multimidiático. Nessa mesma perspectiva, acontece o trabalho do jornalista na atualidade. Ele precisa ter conhecimento sobre os recursos disponíveis em rede, sobretudo no que diz respeito às várias linguagens que a *web* oferece, a nova gramática texto-audiovisual imagética que surge com o hipertexto (SILVA; MACIEL; ALCOFORADO, 2002; CIRINO, 2010).

Como vimos, além de ser uma metodologia pedagógica no atual processo de aprendizagem, a hipertextualidade promove melhor formação e qualificação do jornalista do século XXI, ainda mais quando se trata das competências de que ele precisa para atuar no mercado de trabalho.

Registra-se o estudo de Spiro e Jehng (2000), para quem a importância do hipertexto na educação se dá por proporcionar flexibilidade cognitiva, ou seja, a capacidade que o aluno tem de usar a criatividade para lidar com, adaptar-se a, ou resolver, tarefas mutáveis no processo de aprendizagem. Para que esse desenvolvimento tenha êxito, o aluno precisa de inúmeras representações do conhecimento para, assim, ter melhor recepção do que está sendo transferido em sala de aula (PEDRO; MOREIRA, 2000).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo ainda se encontra em fase de desenvolvimento, analisando criticamente a bibliografia acerca das contribuições da aprendizagem hipertextual no ensino de jornalismo. Contudo, ao final desta revisão bibliográfica e documental, evidenciaram-se algumas questões para refletir sobre a aprendizagem hipertextual no ensino de jornalismo. Professores e alunos estão vivenciando um momento diferente dentro da academia com a inserção das TIC no processo de aprendizagem. Isso porque algumas metodologias pedagógicas, assim como a utilização do hipertexto, objeto deste estudo, estão reformulando o currículo educacional e revendo novas práticas com enfoque na formação do jornalista do futuro.

O uso da metodologia da aprendizagem hipertextual no processo formativo do jornalista promove melhor aquisição de conhecimento por parte dos alunos em dois aspectos: um deles remete para a compreensão do conteúdo lecionado, uma vez que a construção de Narrativas Hipertextuais requer um planejamento didático, pensado na colaboração de todos os envolvidos; o segundo tem a ver com o letramento digital, já que produzir uma narrativa desse porte demanda o conhecimento sobre as inúmeras possibilidades textuais que as ferramentas digitais oferecem.

Verificou-se também que a aprendizagem hipertextual abre uma variedade de interação com as mídias digitais. Essa interatividade responde à demanda que o atual mercado de trabalho jornalístico exige. Dá-se então as contribuições dessa metodologia de aprendizagem, que se faz necessária na prática educativa e formadora desses profissionais.

Diante desses comentários, almeja-se que este estudo, ainda incipiente, fomente novas investigações sobre a implementação da aprendizagem hipertextual

como metodologia pedagógica em sala de aula, em especial com alunos de jornalismo, para que adquiram o domínio das tecnologias, dos recursos digitais e das possibilidades textuais oferecidos pela *web*.

REFERÊNCIAS

BALDESSAR, Maria José. Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001. **Anais eletrônicos...**São Paulo: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/arquivos/intercom.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

BARBOSA, Marialva Carlos. Formas de fazer jornal: história das práticas e processos jornalísticos. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, São Paulo, ano 13, n.13, p. 55-70, jan./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revista-sims/index.php/AUM/article/viewFile/2193/2115>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Superior /Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13063-pces039-13-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 14 jul. 2018.

CANAVILHAS, João Manuel Messias. **O ensino do jornalismo em Portugal**. Lisboa: Labcom, 2009. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/ec/06/pdf/canavilhas-ensino-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CHAVES, Eduardo. **O computador na educação e informática**. Rio de Janeiro: Educom, 2016.

CIRINO, Nathan Nascimento. Narrativas Interativas no Cinema: repensando as estratégias de roterização. *Revista Eletrônica Temática*, João Pessoa, ano 4, n. 7, jul. 2010, p. 1-15. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2010/Julho/narrativas_interativas_cinema.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2016.

CORRADI, Fábio de Macedo. et al. Nós, links e redes. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, João Pessoa, 2001, p. 1-13. Disponível em: <<http://joaootavio.com.br/bio-terra/workspace/uploads/artigos/nos-5155c7bde6bee.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

COSCARRELLI, Carla Viana. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

COSTA, Livia Mariana; BOTTENTUIT JÚNIOR, João Batista. Narrativas digitais na educação: uma revisão sistemática das produções acadêmicas em língua portuguesa. *Revista Tecnologias na Educação*, Campinas, ano 8, n. 17, v. 17, dez. 2016, p. 1-16. Disponível em: <<http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2016/09/Art19-ano8-vol17-dez2016-.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

COUTINHO, Clara Pereira. *Storytelling as a Strategy for Integrating Technologies into the Curriculum: An Empirical Study with Post-Graduate Teachers*. Chesapeake, VA: SITE, 2010. p. 87-97.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. *Ciência da Informação*, Brasília: v. 28, n. 3, p.269-277, set./dez. 2016.

DIAS, Maria Helena Pereira. **Encruzilhadas de um labirinto eletrônico**: uma experiência hipertextual. São Paulo: Unicamp, 2000.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

HARGREAVES, Andy. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento**: a educação na era da insegurança. Porto: Porto Editora, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JESUS, Anabela Gomes. **Narrativas digitais**: uma abordagem multimodal na aprendizagem de inglês. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Minho, Braga. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14496>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LENZI, Alexandre. O desafio da produção de conteúdos noticiosos multimídia no cenário da convergência: a experiência dos repórteres do Diário Catarinense. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 9, n. 1, jan./jun. 2012, p. 1-15. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n1p93>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **As tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 14. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

LÉVY, Pierre; LEMOS, André. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo. Paulos, 2010.

LUNCE, Carol. Digital Storytelling as an Educational Tool. *Indiana Libraries*, Indiana State University, v. 30, n. 1, 2011.

MACHADO, Elias.; TEIXEIRA, Tattiana. (Org.). **Ensino de Jornalismo em tempos de convergência**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. (Org.). **O ensino do jornalismo em redes de alta velocidade**: metodologias & softwares. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MELO, José Marques. **História do Jornalismo**: Itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus Editora, 2012.

MENDONÇA, Jimmy. Novos Suportes Midiáticos no Ensino de Jornalismo: uma proposta didática com TIC para a Prática Curricular. *Academiaedu*, [s/n], 2013. Disponível em: <http://www.academia.edu/6274036/novos_suportes_midiaticos_no_ensino_de_jornalismo>. Acesso em: 30 jul. 2018.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na Web**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2003/mielniczuk2003.doc>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Hipertexto: a linguagem da nova geração. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 20 mai. 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitosdesfeitas/_ed799_a_linguagem_da_nova_geracao/>. Acesso em: 30 jul. 2017.

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de Fazer um Jornal Diário**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O Texto na TV**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2010.

PEDRO, Luís Francisco.; MOREIRA, António. **Os Hipertextos de Flexibilidade Cognitiva e a planificação de conteúdos didáticos**: um estudo com (futuros) professores de Línguas. Aveiro: s.n., 2002.

POZO, Juan Ignacio. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. *Revista Pátio*, [s/n], Educação ao Longo da Vida, ano 8, ago./out. 2004, p. 1-3.

PRIMO, Alex. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA COMUNICAÇÃO, 7., 2003. **Anais...** Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://pesquisando.atraves-da.net/hipertexto_cooperativo.pdf>. Acesso: 01 jul. 2017.

_____. **Mapeamento 2**: do ensino de jornalismo digital no Brasil em 2010. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

QUEIROGA, Antônio. As tecnologias da notícia. *Lumina*, Juiz de Fora: Ed. UFJF, v.5, n.2, p.223-233, jul./dez. 2002.

REDE ICOD. **Comunicação Digital**: competências profissionais e desafios acadêmicos. [s/n]: Rede Iberoamericana de Comunicação Digital, 2006. Disponível em: <https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/27214/ICOD_com_2006es_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 jan. 2018.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. Por uma filosofia da tecnologia. In: GRINSPUN, Mirian; ZIPPIN, P. S. (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2015, p. 75-129.

ROJO, Roxane. (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2016.

SALAVERRIA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo Integrado, convergência de médios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008.

SAMPAIO, Marisa Narciso; LEITE, Lúcia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tânia. A escrita e a leitura: fulgurações que iluminam. In: _____. (Org.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília, DF: INEP/UPF, 2007, p. 9-15.

SILVA, Rafael Pereira. A Influência Tecnológica sobre a prática jornalística. In: 9º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013. **Anais...**Porto Alegre, RS, 2013. p. 1-15.

SILVA, Nadiana Lima; MACIEL, Dayse dos Santos; ALCOFORADO, Aline Guedes. **Hiper-texto em sala de aula: um caminho para a interdisciplinaridade?**. São Paulo: UNESP, 2002b. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/revista/artigo_12-nad>. Acesso em: 01 jul. 2017.

SOUZA, Marcelo Freire Pereira. **Narrativa hipertextual multimídia: um modelo de análise**. Santa Maria: FACOS, 2010.

57

SPIRO, Rand; JEHNG, J. *Cognitive flexibility, random access instruction, and hypertext: Theory and technology for the nonlinear and multi-dimensional traversal of complex subject matter*. In NIX, D.; SPIRO, R. (Ed.). *The "Handy" Project: New Directions in Multimedia Instruction*, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 2000.

UNESCO. *Model Curricula for Journalism Education*. Paris: UNESCO, 2010.

VALENTE, José Armando. **Logo: conceitos, aplicações e projetos**. São Paulo: Ed. McGraw-Hill, 2014. 2014.